



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 441 Preço 1\$00
4 DE FEVEREIRO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

AFRICA

Uns dias de paragem longe de casa permitiram-me largos contactos com a imprensa angolana, lá onde fiz pousada!

É uma feliz iniciativa esta de pôr à mão de quem passa, em lugar por onde muita gente passa, revistas e diversa informação do nosso Ultramar. É frequente encontrarmos nesses lugares ilustrações em muitas línguas do mundo, referindo nações onde o turismo é uma indústria organizada. Dar a conhecer a nossa Africa sob este aspecto, talvez também viesse sendo praticado há mais tempo. Porém, hoje, urge dar-mo-la a conhecer numa perspectiva tão integral quanto possível, a estrangeiros... e aos portugueses.

Quão poucos dos nossos endinheirados viajantes, frequentadores habituais das «estações» mais afamadas na Europa e na América, quão poucos terão ido visitar as nossas terras africanas, ou sentido, ao menos, o desejo de as conhecer, a elas que são tão lindas por dons da natureza e tão mais lindas ainda porque nossas!

Por isso, provocar a curiosidade, e por ela o recto interesse, de quem não pode amar o que não conhece — é uma medida simples e proveitosa. Tanto assim me parece, que arrisco valer a pena desviar para uma boa revista sobre assuntos ultramarinos, com vasta colaboração de gente de lá, muita tinta que por aí corre em objectos de menor valia.

Estranhei com pena não ter encontrado nas salas onde me demorei com publicações angolanas, delas também de Moçambique. E desejava que a sua qualidade gráfica as tornasse mais tentadoras para o leitor despreocupado, o qual, de as folhear, acabaria por as ler, e as procurar, surpreso de muitas notícias gratas que não imaginava. Ao lado daquelas revistas que me prenderam a atenção, outras, alemãs, francesas, inglesas e uma ou duas portuguesas poderiam servir de exemplo.

E já agora aproveito dizer da intenção que nos anima e nos dá vontade de manter no Famoso esta rubrica!

Para além de crónicas de uma viagem, possivelmente a repetir mais amiúde; por sobre expressões de pensamento que nem sempre logram ultrapassar os prelos — esta coluna tenta avivar entre os milhares de leitores de «O Gaiato» o fogo de um recto interesse por uma parcela vital do País, na qual se deve expandir inteligentemente o núcleo materno afim de, na dignidade da sua pobreza e do seu esforço, estruturar a prosperidade (mesmo a sobrevivência) dos seus filhos e, mediante ela, contribuir para o bem de toda a Humanidade.



Aqui, Setúbal! Nautilo e Mané. Dois amores!

Uma Carta

«Sou o primeiro professor da Obra do Pai Américo. Esse facto dá-me justo orgulho. Trabalhei no Lar do Ex-pupilo das Tutorias e Reformatórios do País.

Venho trazer-vos a última parcela de uma promessa feita por minha saudosa Esposa que há poucos dias Deus chamou a Si, deixando-nos mutilados terrivelmente na dura batalha da vida — a mim e a 7 filhos.

Ao Padre Superior dessa Obra que tem alguma coisa de meu, sobretudo pelo lado do coração, eu peço o favor, a esmola dum prece, que o Saudosíssimo Pai Américo não deixaria, neste transe, de dar a esta tão boa amiga.

Deus lhe pague, bom Padre!

Beija-lhe a mão que tiver de erguer a benção, este desolado náufrago».

VARANDA DE BEIRE

O pão quente faz crescer água na boca e mastiga-se gulosamente. É, pois, tentação aliciante. Por via dele, muitas vezes temos colhido dissabores. Quem os tem ofertado ultimamente é o Sanjoanense. Ele é padeiro. Apesar de novo coze muito bem. Ora, ontem,

resolve guardar uma boroa inteira para as horas vagas. Fecha-a no quarto e espera que elas cheguem. Mas, em casa de rapazes, não pode haver segredos. O furto vem a saber-se. E o Sanjoanense fica envergonhado perante toda a comunidade. Na padaria vai ser tentado mais vezes. A natureza é fraca. Remédio, pois, para o mal? — Continuar padeiro. É na luta, e só, contra as tendências más que o homem se torna mais homem.

O Chucha comanda o pelotão dos mais pequenos. São eles: — Brasão, Lélé, Russito, Linhas, Gafanhoto, Barrigana, Cete e Alexandre. Ora, o carro sem os bois não pode andar. E este grupo de batatas não pode girar, nem cumprir o dever, se o Chucha está quedo. E assim acontece. Mais: o Chucha deixa os seus e some-se. Ele tem onze anos. É pequeno e com muita responsabilidade. Pedeme que lhe tire, pois eles não lhe obedecem. Era mais cómodo, sim. Mas deixá-lo estar até que os súbditos respeitem o chefe. Todos nós, desde tenra idade, trazemos bem vincadas as consequências da pri-

meira queda humana. E, é por isso mesmo, que nem sempre toleramos que um da nossa igualha seja posto em lugar de destaque e superior a nós.

O frio é terrível. As manhãs são frias. A terra dos campos estoura sob a neve. E as mãos e os pés dos rapazes dilatam e ulceram com as frieiras. Alguns gemem. Outros mais corajosos coxeiam simplesmente. E todos tiritamos neste inverno impiedoso.

Ora, as noites são o pior. Todos os agasalhos são poucos. É mister inventá-los. E que faz o Nelo? Resolve muito pacatamente o problema. Enfia as calças de pijama por cima das de cotim, enrola o cascol ao pescoço e mete-se tal qual dentro dos lençóis. Não encontrou solução mais airosa para correr com o frio. Vejam. O cuidado da senhora em os manter higiénicamente durante o sono teve como desfecho livrar o Nelo de aflições.

O Toneco safu desta Casa o ano passado. Foi trabalhar por conta própria. Mas as sau-

Continua na página seguinte

TEARES

E calculem a minha dor (esta é mais minha!) quando no fim de cada mês vem a factura do algodão das teias e da trama que transformamos em pano nesse mês.

Por isso, meus senhores e minhas senhoras, vamos a comungar nas vicissitudes dos teares da Casa do Gaiato! Os senhores não têm nada a perder; que o pano não tem pinturas nem fignimentos: o que é, é — e é muito bom!

Tafetá para lençóis e travesseiros com 0,70 m. Sarja fortíssima com a mesma largura. Há já muitos metros em stock. Esperamos que quem acordar tarde, tenha de esperar em bicha.

marães. Agora são mais o Domingos e Zé Luís que foi Morcão de apelido, mas parece já não o ser, a ter em conta declarações que o correio traz à 2.ª ou 3.ª feira depois de um domingo de muitos visitantes.

Vejam os senhores os cabelos brancos que Padre Manuel António (agora mais do que eu!) vai ganhando por mór da arte de tecelagem na Casa do Gaiato!

Sempre foram e continuam fonte de muita consumição.

É um tear que avaria. É uma peça que parte. É uma distração do artista... que não provoca a sua morte, mas uma arrebatadela grave que leva horas e gasta muita paciência a compor.

Mas enfim... é da condição da vida crescer a tormenta com a dimensão da nau!...

E se sempre assim foi, agora mais, porque ao tear mecânico ocupado com pano de lençol e ao automático com sarja, se juntaram um grande tear manual para tecidos decorativos e outro pequenino para estopas e tapetes e passadeiras de trapos.

Eram Zêquita e Xico de Gui-

O FOGO CREPITA

A VOZ DOS LEITORES:
Pra começar eis uma carta, de uma Mãe do Porto:

«Com o meu filho Rui ainda pela mão fui visitar há longos anos a Casa do Gaiato.

Os meus olhos extasiaram-se do que viram e o meu coração enterneceu-se. À saída decidi-me a assinar o vosso Jornal, mas quis fazê-lo em nome do meu filho, para que desde pequenino se habituasse a amar e a compreender os seus Irmãos mais desprotegidos.

Fi-lo em boa hora, porque o «Gaiato» tem sido desde então o meu Breviário.

O meu Rui é hoje um moço de 15 anos e com a graça de Deus até à data tem trilhado o bom caminho.

Eu e ele temos tentado adquirir novos assinantes para a nossa lista, mas com desgosto constantamos, que a sociedade de hoje regateia às boas obras, aquilo que dispense em frivolidades; que bem algum trazem nem ao corpo nem à alma.

Desiludida resolvi-me então a inscrever na vossa lista uma filha minha já casada e que vive longe de mim, mas a quem quero de todo o coração.

Será esse o meu presente de Natal para ela e creio que não poderia ter escolhido melhor.

Termino desejando que o Altíssimo derrame sobre essa Santa Casa toda a sorte de graças e bençãos».

Quem pode ficar indiferente? Oh carta formosa! Que Bem vais espalhar por esse mundo além!

Agora, atenção à voz de um transmontano:

«Eu desejava que esse fogo de amor de Deus e do próximo que irrompe dessa Obra ateando-se por toda a parte, se alastrasse também para estas terras gélidas de Tra-os-Montes, aonde de baixa temperatura produzida pelo frio, parece influir também nas almas.

E por isso eu vou tentar atear esse fogo, propagando na medida do possível o Famoso por estas paragens. Nesta conformidade peço o favor de me enviar 10 ex. de «O Gaiato», sempre que ele se publique, pra mandar proceder à sua venda à saída da missa dominical. Isto é por agora. Porque realizando-se nesta freguesia, 2 feiras por mês, eu penso em mandar vir remessa maior para vender ao povo das povoações vizinhas que aqui afluí.

Mas por enquanto vamos experimentar com 10 exemplares».

Não é só este obreiro da Campanha que lamenta a «baixa temperatura produzida pelo frio» naquela região. Temos outra leitora que sublinha a mesma dor. Aí vai o postal:

«Causa-me uma certa tristeza não encontrar um grande número de novos assinantes; mas o frio glacial desta região gela os corações que não se querem abrir para a expansão deste jornal que é um farol de luz para quem o lê com os olhos da alma. Hoje, só vai esta nova assinante...

Logo que tenha tempo darei mais notícias».

Vão aqui muitíssimo bem estes documentos que revelam dificuldades. E até lhes damos, hoje, prioridade. Porque nem a marcha ascensional do Famoso seria, se não fosse argamassada nos ossos que surgem aos apaixonados da Campanha em sua luta titânica para um «Gaiato» mais lido, mais divulgado e mais querido.

Estamos, hoje, com uma tiragem de 45.000 e cerca de 30.000 assinantes. Um mundo de gente! Mas, para chegarmos aqui, quantos trabalhos, quantas canseiras; quanto Amor ardeu — e arde — no coração dos 45.000 leitores!

PORTO/LISBOA: Senhor Padre José Maria e a nossa malta do Tojal vão ficar radiantes. Lisboa caminha de mãos cheias! Recebemos, durante a quinzena, nada menos que 55 assinantes novos da Capital. Eram quatro listas a abarrotar e uma delas informa: «Pode ser que ainda consiga mais algumas assinaturas. Se assim fôr, mandarei nova lista. Tenho muito gosto em o fazer, primeiro pela Obra, segundo porque sou nortenha do Distrito do Porto». Eu já sabia que o Norte faz barulho em Lisboa. Pois já não é o primeiro nortenho que aparece radiante, por conquistar almas lisboetas.

No entanto, a Invicta segue com 14 deles. E «Uma Mãe» tripeira escreve um postal que não resistimos a publicar. Ei-lo:

«Com o amor que vos consagro, tenho procurado angariar muitas assinaturas. Para já, infelizmente, só vão duas, mas são das que valem a pena. E mandai o Famoso quanto antes. Ele tocará o coração destas novas assinantes para elas arranjamem outras. Deus está convosco e portanto... chegareis aos 100.000».

Um facto que muito nos alegra é o propósito e a acção de todos em conseguirem assinan-

tes que valem a pena. Isto é, que lêem e vivem «O Gaiato». Foi escutado e cumprido o S. O. S. e, por isso, aqui vai o nosso muito obrigado.

DO ALGARVE AO MINHO: Nesta altura, depois de botar uma vista de olhos pelo que está escrito, sentimos pena de sermos obrigados a sintetizar as notícias. É que a Província, sendo o Portugal mais português, trabalha corajosamente por mais e mais assinantes. Eis o rol das presenças: Os arredores da Invicta seguem com gente fresca da Maia, Gondomar e Gaia. Depois, temos Fafe, Póvoa de Varzim, Guimarães, Juncal, Viana do Castelo, Gualtar (Braga), Chaves, Bragança, Franco, Mirandela e Macedo de Cavaleiros. Um pulo para o sul e surge Coimbra, Arganil, Maceira-Liz, Campo de Basteiros, Caldas da Rainha, Fátima, Monte Redondo (Leiria), Vila Nova de Ourém

Serra de El-Rei, Vila Moreira, Torres Vedras, Ribaldeira e Barreiro. O calor não arrefe! Graças a Deus.

ULTRAMAR: É admirável, o entusiasmo que domina os portugueses de além-mar! Não há dúvida, o recado que por lá deixámos, de Luanda a Lourenço Marques, tem sido cumprido escrupulosamente. Pois já recebemos do Ultramar mais de mil assinantes novos! E quantos hão-de vir, ainda!

Começemos por Angola, que fica mais ao pé da porta. Temos presenças de Luanda e Lobito e Cangumbe e Luso e Quinjenje, novamente.

A Província de Moçambique, como habitualmente, chegou mais abonada, com gente fresca de Milange e da formosa Ilha de Moçambique. Lourenço Marques segue com uma data delas e a Beira acordou! Senhor Magalhães Costa, da Casa Caravela, manda uma série de 35, sendo 13 angariados pelo nosso Marques, que trabalha no porto da Beira. Ora eu sei que a capital de Manica e Sofala vai redobrar de esforços. Eu sei. Mas, no entanto, Lourenço Marques continua de camisola amarela.

E pronto. Até de hoje a quinze se Deus quiser.

Júlio Mendes

Conferência do

Os amigos devem estar ansiosos, com certeza, por saberem notícias daqueles que amam e que auxiliam, por vezes, com muito sacrifício. Porque tudo o que distribuimos aos nossos irmãos Pobres de vós procede por graça de Deus.

Pelo Natal, recebemos bastantes donativos; quer em dinheiro, quer em géneros ou utensílios, como: sapatos, roupas, brinquedos — o que agradecemos ao Pai do Céu por vos haver tocado no coração e a vós por terdes atendido ao Seu apelo.

Como os Pobres são bastantes e o meio de transporte não é nenhum, resolvemos como nos demais anos, juntar todas as famílias que a nossa Conferência socorre durante o ano, na vasta sala deste Lar.

Antes da distribuição do que era material procedemos à distribuição do que é espiritual, pois é principalmente com este fim que as Conferências de S. Vicente de Paulo existem.

E, assim, convidámos os Pobres que há mais tempo são socorridos por vós, por nosso intermédio, e que, por conseguinte, não estão com os estômagos vazios de todo, para que não se lhes possa falar da Vida Eterna. Convidámo-los a compartilhar conosco numa reunião Vicentina, tal e qual a fazemos nas demais semanas, para que eles vissem com os seus próprios olhos e sentissem com o seu coração como realmente são atendidos pelos seus visitantes e por todos quantos os ajudam a levar a cruz ao calvário.

Depois de termos distribuído brinquedos e guloseimas, as

crianças foram para uma outra sala, onde ficaram totalmente à vontade, para que a alegria não fosse perturbada pelas nossas simples orações.

Então começámos a reunião com a comparência de quase to-

dos os confrades e de muitos Pobres.

Fez-se a leitura espiritual, cujo assunto vinha muito ao encontro de todos os presentes.

Após ela, um dos confrades fez um pequeno comentário para que todos tivéssemos muita caridade, mas não só os confrades, como também os Pobres a deviam ter uns para com os outros, porque sem caridade «tudo é como o bronze que soa». «A caridade não é invejosa, não é soberba, nem ambiciosa» e portanto que não tivéssemos inveja do que os outros recebem, que não suspeitássemos mal uns dos outros e que não fossem ambiciosos.

Graças a Deus parece que este pequeno convívio não foi em vão, porque ainda há dias, dei com uma Pobre (da qual menos esperava) a limpar a casa de uma outra que é uma velhinha de 60 e tantos anos e que tem estado doente.

Curioso é que esta alma caridosa tem sido encaminhada por uma outra, porque até então eram mais os dias que passava separada do que junta ao marido e aos filhos. Procuremos

que os pobres se interessem um pelos outros. Depois de lhes termos enchido os estômagos, demos-lhes alguma coisa para a alma.

Após o comentário, seguiu-se a leitura da acta anterior, da qual todos ouvimos a transcrição do que se passou em suas casas na semana anterior.

Então começou o relato da visita de cada um ao seu Pobre, em que todos os confrades contaram à frente dos próprios, a última visita, que tinha sido há poucos dias e da qual portanto todos estavam recordados.

Ouviram assim da boca do seu visitador a alegria ou a tristeza com que cada um frisava certos factos, ora agradáveis, ora desagradáveis, como: se a casa estava limpa; se já tinham ido à missa; se a mãe estava melhor; se o pai tem tido falta de trabalho. Ou então: se a casa estava suja; se os filhos estavam desmazelados; se o pai continua a gastar dinheiro nos jogos e em vinho... Enfim, cada confrade relatou tudo o que viu e sentiu, na casa do Pobre, durante a preterita visita.

E desta maneira procuramos mostrar-lhes que não estão tão abandonados como julgam e que não perderam ainda todos os amigos, porque há quem sofra quando eles sofrem e quem se alegre quando estão alegres.

Terminado o relato das visitas, explicou-se-lhes ainda que nem sempre podiam ser atendidos, mas que não eram esquecidos, pois fica tudo registado nas actas e logo que é possível o seu visitador não os esquece.

Para alguns foi uma surpresa porque não contavam que tudo o que lhes dávamos, principalmente o que diz respeito ao vestuário ou outros utensílios de agasalho, era anotado, para que não pudessem empenhar com tanta facilidade, pois cada um dos visitantes tem o dever de os libertar dessa tentação.

Lar do Porto

E para terminar, rezámos as orações habituais pelos benfeitores, pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, pelos Pobres e confrades, quer presentes quer falecidos, enfim por todas as intenções que não devemos esquecer.

Fernando Dias

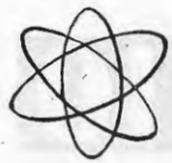
VARANDA DE BEIRE

Continuação da primeira página

dades têm sido fortes e por isso não deixa de aparecer muitas vezes. Agora, que vai casar, mais ainda. E o apego é de tal ordem que temos de ser tudo para ele. Não quer dar um passo sem nosso consentimento. Pretende que lhe tratemos dos papéis. Deseja ansiosamente que lhe escolhamos a mobília. E que felizes nós somos indo com eles comprar a mobília para o casamento! E que feliz ele seria se lhe mandassem lembranças amigas! Ele fica à espera; e nós muito mais, porque o queremos ver plenamente satisfeito.

Padre Baptista





FACETAS DE UMA VIDA

A carta que hoje damos é datada de Coimbra, 20-1-1927.

Tão simples, tão cheia daquele verdadeiro afecto que se manifesta em obras — revela-nos já o interesse do Américo pela educação da Juventude e problemas de Sociologia.

Mas o Seminarista, o homem de livros por enquanto, não para nas teorias dos autores. O seu principal livro de estudo é o Evangelho. E, como as lições que o Evangelho dá são essencialmente dinâmicas, o Seminarista realiza a doutrina que o interessa e prende, cuidando de reparar a injustiça feita àquela Família «por dois homens responsáveis, actualmente grandes senhores do mundo da Mentira, representando a triste farsa de homens dignos».

Quanta doutrina que Ele ensinou depois, mais com a sua dedicação sacerdotal que com a palavra — quanta doutrina esta carta revela em germen!

S., —

Vai por este um estudo de Sociologia, «A Ciência Social na Educação e na História», por um Lente desta Universidade, Dr. Serras e Silva, que há tempos comprei, e no decorrer da sua leitura descobri que lhe pode ser mui útil para o auxiliar a determinar-se na educação dos seus filhos, de quem com justificadas razões esperamos venham a ser no futuro esta coisa rara e difícil: um Homem e uma Mulher. Eu sublinhei e anotei desde a altura em que comecei a descobrir a utilidade para Si. Leia que é uma obra deveras interessante, cheia de grande poder de observação da parte de quem a escreve e da dos mestres que o autor cita.

Recomendo também o «Santuário da Montanha», se ainda o não obteve. É interessante. O grande sábio foi nos seus tempos Alpinista apaixonado. Descreve os fenómenos da natureza numa linguagem rigorosamente científica e extraordinariamente acessível. Chamo a sua particular atenção para o epílogo. Se aí não há à venda, diga que lho mando.

Sobre magazines, estou esperando. Eles não são para encadernar em volumes de, digamos, 6 exemplares cada um? E se eu mandasse executar aqui esse trabalho e mandava depois os volumes prontos? Se não quer então mandarei como vêm, pelo correio.

Quero pedir a sua atenção para o facto seguinte: Vem aqui todos os dias certa mulher buscar uma panela de caldo para ela, uma filha e 4 netos, obra de ex-estudantes, ocupando todos os seis um mísero cubículo sem luz nem ar. Todos os domingos eu desço aos claustros a dar-lhe uma pequena esmola com a qual ela paga parte da conta semanal do padeiro. Para este

fim tenho pedido o auxílio de gente estranha com sucesso satisfatório. O J. S. mandou uma carta com palavras gratas e modesta esmola, dando ao mesmo tempo a razão: «Se eu não houvera feito tantas loucuras na Figueira, havia de mostrar a minha generosidade» — Outra miséria que me comove, creia. Como eu tenho pena dos homens que se não dominam! E são quase todos. É o resultado lógico da filosofia materialista. Disse-lhe duas palavras sobre a doutrina de Marden; também é uma maneira de dar esmolas... aos ricos.

O pão desta pobre família é o assunto do momento. Qualquer coisita que me possa dispensar é aceite com suprema alegria. Talvez queira mandar esta carta, assim como está, ao seu colega do Banco Nacional Ultramarino ou outro qualquer homem que por ventura deseje ser generoso..... O célebre pensador francês J. J. Rousseau dizia assim: «Vejo tanta injustiça na história dos homens que estou certo que as contas se saldaram depois da morte». Disse uma verdade do Evangelho, ele que O não seguiu nem acreditou.

E disse, meu caro N.. Uma pequena coisa, sem sacrifício para si nem para os seus amigos. A alma desta mulher é bem digna da nossa atenção e compaixão. Tendo outrora uma casita, amanhã com o seu trabalho, desfá-la para

Aqui, Lisboa!

A Senhora das camisolas este ano veio antes do frio. Foram 50 delas. Benditas mãos que há tantos anos tiram o frio e dão beleza aos nossos Rapazes. Mais meia dúzia de cobertores da Senhora de V. Borges e camisolas. Também não esperou pelo Natal para dar. Mais dois mil de mão escondida entregues ao Senhor Prior do Estoril. Pessoal da Nestlé como sempre. Para nós e Calvário três mil, entregues a um vendedor, pelo assinante 7493. Um Senhor veio com os filhos e entregou 500\$. Mais roupas e cobertores de Virgínia. Mais 350 e 50 e 100. Mais um que tem fé de poder voltar com mais.

De alguém de Lisboa 180 para Missas pelos desacatos no Congo. Roupas e camisolas feitas com lã comprada no Chiado onde há desgostos para quem quiser fazer camisolas para nós. E mais com muito boa vontade de uma velhinha pobre. Da T. W. A. cem. Mi-

roubar à morte um filho tíscico que se foi, e agora cheia de dor e privações vem esconder com amor a falta da filha e procurar o pão dos netos.

Lembre-me muito em casa e lembre-se deste seu amigo que lhe deseja paz e bem.

Américo

galhas dos meus filhos para os seus irmãos em Cristo. Peditório no Rato 4.887\$80. Houve mãos de criadas de servir que puseram cem e mãos de senhoras bem servidas que só tostões. Eu sou testemunha. A grandeza dos pequenos só se conhecerá diante de Deus.

No Saldanha cem e uma bolsa de tostões e a merenda a todos os vendedores. De amigos de Algés 150\$, mais arroz e açúcar para o Natal. E carne e ossos todos os sábados. Oxalá não esmoreçam, agora que a Senhora do sábado foi para Setúbal. Da Senhora das camisolas e de mais não sei quantas coisas, brinquedos e ditas e um caixote de conservas da Tranquilidade. Mais um saco de açúcar. Da Rua Buenos Aires 500\$ e quatro sacos de pão que causaram alvoroço em Monsanto. O que não seria se os Pobres tivessem ao menos pão suficiente! Mais para rebugados que alegraram a consoada dos Gaiatos. Mais 50 duma amiga de sempre e as boroas e rebugados de dois dinamarquezes amigos. Mais cem das Caldas a pedir uma oração dos mais pequeninos. E todas as viagens para o nosso vendedor. Bem hajam senhores Capristanos. Da Rua Barros Queiroz 500. Mais visitantes com 55 e pelo correio mais cem e vinte da Sapataria-Oeste. Da Sacor mil. Mais de Lisboa, 20 e 500 da Avenida João XXI e outro

tanto dum Senhor Doutor. I dois cestos de Bolo-rei da Pa daria Roma. Ora comemos at faltar e ainda foram para Miranda e Calvário. O que Deus não dará a este Senhor par que nos dê assim! Do 3.º Setor de Encomendas Postais mil pelo Natal e de quando em vez 500. À porta do Lar 50 dum senhor que passava. E agora da Senhora da quarta-feira e sobrinha. Foram incansáveis. O melhor Natal que tiveram foi fazer o nosso tãc alegre pelas coisas que nos arranjaram: roupas novas e usadas, mercearias, guloseimas perús, patos, sabão, azeite e ainda mil escudos. Que alegria a daquele dia! Deus as ajude a espalhar a chama da Caridade que trazem na alma.

E um carro com coisas de quinta e mil escudos. Eu quis saber de quem: «de uma Mãe com muita ternura». Só as Mães sabem assim.

De Loures, da Comissão de Festas de Agosto, camisas e camisolas. O nosso agradecimento. Do Senhor que pelo Natal aparece com os bacalhaus grandes mais cem escudos. Este ano não tivemos o Grémio dele que bem falta fez. Deus fale na alma ao Senhor Engenheiro Higinio Queirós, que há muitos anos nunca se esqueceu da nossa consoada.. Mas tivemos o irmão da Sra. do sábado que lá da Gafanha não nos perdeu de vista. Da Frigorífica do Tojal uma furgoneta com batatas e frutas secas que por uns dias foram sobremesa deliciosa. De D. F. 500 e umas boroas óptimas. Do melhor que há. Muito amor deve ter aos Pobres quem lhes dá com tanto mimo.

Marmelada da D. Irene do Montepio. Tem sido a delícia das merendas do Domingo. Da Fábrica da Abelheira mil e panos enormes de lã para fazer cobertores. Que quentinhos vão dormir os nossos Rapazes! A Secil veio com 250 e o Grémio das Esp. Farmacêuticas com cem. De Ordins dois embrulhos com chales. Vão para a Curraleira, como no ano passado. A promessa de todos os anos de Carlota de Santa Iria. Dum Senhor da Sertã que passou e veio ver, cem. Foi à hora do nosso almoço, dia do SS. Nome de Jesus. Tudo o que aqui vem ter é assim. Nem mesmo saberíamos suportar a despesa de quase setecentos contos deste ano que passou se não fosse aquele «in nomine Domini» com que Pai Américo começou há vinte e um anos.

Mais duma assinante 50 «com um grande sacrifício». O sacrifício terá de ser sempre o sumo da caridade verdadeira. Foi assim Cristo. De Corueche com mil, muito bem aparecida seja. Visitante com

— Continua na quarta página



A Festa do Natal de Jesus é sempre a maior festa das famílias cristãs. Mas para Belém é ainda a do seu aniversário. Que riqueza de ideias e sentimentos ela encerra para nós! E pelas cartas que temos recebido dos nossos leitores, nesta quadra do ano, se vê como tantos vivem connosco em comunhão de ideias. Como eu estimaria publicar aqui algumas dessas cartas! Porém, a falta de espaço não o permite. Mas saibam todos que também nós lembramos os nossos amigos e benfeitores aos pés do Menino Deus e pedimos a realização das suas legítimas aspirações, no ano de 61. Não esqueçamos, porém, que Deus sabe melhor do que nós próprios aquilo que nos convém e põe acima de tudo a nossa salvação eterna, pelo que devemos sempre submeter-nos aos Seus desígnios, ainda que incompreensíveis ou dolorosos para nós. Deus é Pai e devemos colocar em Suas mãos a nossa vida com uma confiança ilimitada.

Pela nota de presenças à Obra, que espero possa sair no próximo número, se verá o inte-

resse e carinho que houve da parte dos nossos amigos em tornar alegre e saboroso o Natal das belenitas.

À consoada já sabem que tivemos batatas com couves e bacalhau, rabanadas e figos secos.

No dia de Natal nada faltou e desta vez foram os vizinhos que tomaram à sua conta cobrir as nossas mesas de bolos-reis e mais doçaria, laranjas, figos, chocolates e rebugados. Pouco mais tive de comprar para que houvesse sobremesa até 8 de Janeiro, em que tivemos a nossa festa em honra da Sagrada Família nossa protectora. Tivemos Missa por nossa intenção, na linda Capela do Seminário das Missões, a qual foi cantada pelos seminaristas. Agradecemos à Sagrada Família todas as graças recebidas no ano findo e pedimos para o que começa as bênçãos que hão-de tornar fértil toda a nossa actividade.

Como no dia de Natal, quase todas as belenitas comungaram.

No fim da Missa fomos admirar o lindo e já tradicional Presépio. As belenitas ofereceram

as suas prendinhas ao Menino Jesus, como no ano passado. Mas o Padre Superior convidou-as a tirar cada uma o seu bilheteinho da rifa e assim elas voltaram a casa com novas prendas. Houve, porém, uma Senhora que quis reembolsar o Menino Jesus, pagando todos os bilhetes oferecidos às meninas. Tudo muito simples e belo, não acham?

Já me esquecia de dizer que também vieram brinquedos e outras prendas, de vários pontos do País, de modo que as belenitas, no alvorecer de 25 de Dezembro, foram encontrar os sapatinhos repletos delas, mas cada uma na medida do seu comportamento. Elas sabem que o Menino Jesus se serve da Mãe e outras pessoas amigas para lhes fazer sentir o que pensa do seu comportamento.

Este ano tivemos mais visitas do que no ano passado.

Que Deus Menino a todos pague cem por um, são os votos agradecidos e amigos da,

Inês — Belém — Viseu



AUTO-CONSTRUÇÃO

Uma das características mais salientes deste movimento será operar uma verdadeira multiplicação. Na base, como já dissemos e havemos de dizer sempre repetidas vezes, está a exigência da economia e do trabalho. Todo o rapaz que se resolve a ser auto-construtor terá imediatamente de ser mais trabalhador e mais económico. Tem que fazer a sua vida profissional e, ao mesmo tempo e sem prejuízo, tem de fazer também a sua própria casa. Tem ainda de fazer as suas despesas habituais e, para além dessas despesas, de economizar dinheiro em ordem à mesma construção. Em verdade, **Auto-Construção** não constrói, não dá. Ajuda, estimula, orienta e subsidia gratuitamente. Esse auxílio que está a dar a todos os auto-construtores e que espera continuar a oferecer, quer ser o motivo, a razão de ser do trabalho e da economia dos trabalhadores. Não admitiremos ninguém nos diferentes grupos que, por si mesmo, possa vir a construir a sua casa. E aqui está a multiplicação. Nas circunstâncias actuais, por cada cinco contos que nos dêem nós garantimos a construção de uma casa que ficará a valer quarenta. Dar cinco mil escudos à Auto-Construção, praticamente é construir uma casa no valor de quarenta contos! Ora esta multiplicação — baseada na valorização do trabalhador pobre — será a favor da Família, da Nação e até da indústria nacional. Quem será o primeiro a realizar, sozinho, esta quase milagrosa multiplicação?

x x x

De Lisboa — Avenida Duque d'Avila 100\$00, juntamente com palavras de fé; um tesoureiro da Fazenda Pública, dos lados da Régua, 20\$;

AQUÍ, LISBOA!

— Continuação da terceira página cem. Mais a entrega de uma Senhora na Casa Batalha, em Lisboa, 2.000 e de um mealhinho na mesma 50. Da Senhora de Mateus Pardal muitos quilos de carne de porco que encheram a nossa mesa de abundância naqueles dias. E todas as semanas aparas de carne e chouriças.

Do Montepio muitas migalhas e roupas como se dirá no próximo.

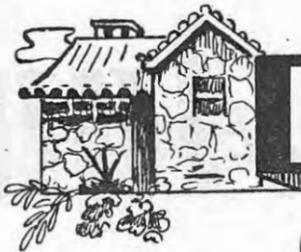
Pode parecer que é muito o que recebemos neste Natal. Em comparação com os outros meses é certo que sim. Mas ainda no sábado passado depois de pagar a fêria a quem cá trabalha, ficamos com dez escudos em caixa. E o que agora temos é só a certeza de que Deus nunca nos faltou nem há-de faltar.

Padre José Maria

Aguiar da Beira 50\$00 pela segunda vez da mesma pessoa; Vila Nova de Paiva 20\$00; Alvarenga, uma Delegada da J. A. C. F. outro tanto a dizer um bem haja à Auto-Construção pelo que ensina; Fornos de Algodres 50\$00 e a querer Auto-Construção também na sua região; Ervidel 20\$00; de Moura, de alguém que trabalha na chefia de um serviço público, manda um vale de cinquenta e uma carta muito bem pensada; um médico de Vidigueira a mesma quantia, tendo a sua mulher já feito a mesma coisa. Por este andar um filho pequeno também dirá presente. Em Figueira de Castelo Rodrigo uma senhora professora de ensino primário contribui com 20\$00; A Estalagem da Neve do Fundão manda 40\$00 e diz que o faz com muito agrado. Vem ainda Cascais com 20\$00; Senhor Luís, do Baixo Alentejo, com outros 20\$00; e Caminha com outro tanto. Foz do Douro com a mesma coisa; e Matozinhos com 50\$00 e uma carta das que fazem bem pensar.

(Toda a correspondência para Auto-Construção. — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



PATRIMÓNIO dos Pobres

A nossa vida de pai de família numerosa não nos permite muitas e longas saídas a inteirar-nos do movimento e a soprar o fogo sagrado do Património dos Pobres. Quase nos limitamos ao contacto por correspondência e vamos assim transmitindo, tanto quanto possível, um pouco da nossa missão de aflitos pela sorte do nossos Irmãos.

A maior parte das cartas que recebemos, sejam de párocos ou vicentinos, são por vezes, uma denúncia de egoísmo da maior parte dos portugueses.

Ontem chegou uma carta de Beja a pedir esclarecimentos. É um Sr. Doutor de leis que já na cidade de Abrantes acendeu uma fogueira grande que ainda se mantém ardente. Agora lançou o rastilho que pegou: «um grupo de homens de Beja está na disposição de, com a ajuda de todos os habitantes desta cidade, construir moradias para os pobres que vivem nos bairros de lata nos subúrbios». Eu acredito e confio.

Logo perto a vila de Beringel fez mais duas. Quem passar na estrada a caminho de Beja não siga sem parar e ir ver o bairro dos Pobres que está mesmo à beirinha.

A paróquia da Sé de Évora começou há anos e ainda não parou. Embora sem corridas mas tem andado sempre. É já um grupo muito grande. Ficam todas jeitosas. «Quando cá vier vai gostar e dar louvores a Deus. Tenho tido dificuldades e aborrecimentos grandes, Deus seja louvado». Ora aqui está a norma deste e de tantos outros

obreiros, sejam padres, sejam leigos: dar louvores a Deus. Nas dificuldades e nos aborrecimentos, Deus seja louvado. É assim que se vence a apatia, o egoísmo, a vanglória da maior parte dos nossos cristãos.

Numa vila perto dali o pároco queixa-se: «pois tenho tudo parado e não posso pedir mais a esta gente sem coração e sem fé, que se agarra ao mau ano agrícola». Coragem, Sr. Prior, e dê graças a Deus, com esperança.

Sintra vai entregar o primeiro grupo. Andam atarefados a mobilá-las. Que bem hão-de ir ficar naquela região!

A Figueira da Foz começou o ano pela entrega do «Bairro Padre Américo». São vinte casas boas que dizem bem dos habitantes da cidade e que foram construídas com muitas gotas de sangue. Parabéns ao jornal «A Voz da Figueira» que levou a cabo a construção e que promete continuar.

Se todos os jornais e revistas portuguesas, em vez de muita destruição moral e social, lutassem pelo bem de todos, quantas maravilhas eram operadas por seu meio!

Os vicentinos da Figueira da Foz estão a acabar mais seis e hão-de continuar.

Há pouco telefonou-me o pároco duma freguesia dos arredores de Coimbra. Os arredores das cidades são um esgoto. Para ali se encaminha tudo. Nesta são situações de estremecer!

Padre Horácio

*

Em continuação dos números anteriores, aí vai mais uma série de placas com a sua localização:

Jesus Maria e José — Carvalhido (Porto); Jesus, Maria e José — Campo Maior; Jesus Misericordioso — Ordins (Lagares); Jesus de Nazaré, do Casal J. R. E. — S. Pedro da Raimonda; Joaquina de Jesus — Praia do Ribatejo; Jorge de Mendonça — Lalim; José António — Figueira da Foz; José César — Livração; Josefa de Obidos — Santo António do Tojal; Judas Tadeu — Ramalde (Porto); Junta Nacional da Cortiça — Vendas Novas; Junta Nacional dos Vinhos (Funcionários) — Parede e Fontelas; Karamchand Rugnath — Canas de Sabugosa; Lar Alfredo Corrêa Ribeiro — S. Gonçalo (Amarante); Lar a Deus pela Sagrada Família — Póvoa de Varzim; Lar de S. José — Medrões; Lar de S. José — Majamude; Lena e Jorge — Madalena; Libolo Miragaia (Porto); Liceu Camões — S. Julião do Tojal e Vialonga; Liceu de D. João III — Adémia (Coimbra); Liceu D. Manuel II — Leça da Palmeira; Liceu Francés Charles Lepierre — Redondo; Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — Pintús (Tojal); Lobito — Santo António do Tojal; Longa Agrícola — Braga; Luabo — Parada Todeia e Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes); Lubango — Outeiro (Galegos); Luisa — Aldeia Nova de S. Bento; Lunda-Chitito — Miragaia (Porto); Luso Brasileiro — S. Miguel de Paredes; M. — Cantanhede; M. M. — A. L. — Resende; M. S. — Fajozes; Mabor — Covilhã; Mãe — Oeiras; Mãe Santíssima — Parede; Magistrados do Círculo Judicial de Portalegre — Castelo de Vide; Manjaze — Outeiro (Galegos); Mano Luiz — Lagares; Manuel — Bombarral; Dr. Manuel Braga — Adémia (Coimbra); D. Manuel Gonçalves Cerejeira — Oeiras; Manuel Margarida — Miragaia (Porto); Mahometanos da Beira — Cantanhede; Mahometanos da Ilha de Mocimbeque — Aldeia Nova de S. Bento; Mahometanos de Lourenço Marques — Covilhã; Maquinistas de Guindastes do Porto da Beira — Rans (Penafiel); Maria Antónia Espasende; Maria da Beira — Miragaia (Porto); Maria do Carmo — Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Maria da Cruz — Aldeia Nova de São Bento.

CONTINUA

CASOS DO MOMENTO

Galinhas a mais nos nossos domínios.

Hoje, entra na cozinha o Girafa com uma galinha nos braços, dizendo que estava a morrer. «Ela não é nossa, mas estava dentro da quinta, e parece que vai morrer». Eis o brado deste rapaz, levando a galinha para o calor do fogão.

Isto é uma galinha, mas se fora um seu semelhante, o que não faria este rapaz para o socorrer! Que importou que a galinha não fosse das nossas?

Tantas pessoas vivem por este mundo além, prestes a morrer de fome e abandono, e nós passamos indiferentes para esta ou aquela reunião, para este cinema ou aquele teatro. E as «galinhas» morrem porque não se possui um coração como o do nosso Girafa.

*

Era a hora do meio dia. A sineta tocou para a mesa. Chovia, e estava frio. No caminho parei e estremei de contente. Que belo! Era o Armando e o Zé Manel. O Armando é já crescido, e o outro pertence ao grupo dos «batatas». Como o Armando tem sobretudo, levava o «batata» muito embrulhado nele.

Naquela hora, eu meditei e aprendi o belo que existe neste gesto tão fraternal. O

lixo conquistado à rua, a dizer como se faz!

*

«Dado» no banco dos réus.

Se não sabem, fiquem sabendo que este «senhor» cão tem sido réu por um grande número de delitos praticados. São queixas e mais queixas! É um que vem com a samarra rota; é outro porque o casaco, outro as calças, tudo isto porque o «Dado» sai fora a passear. Ora, para já o caso ficou arrumado: «Dado» preso durante o dia e à noite está livre.

*

Família. Por esta palavra e para que nós a sintamos com calor, gastou-se e subiu alto o Pai Américo. Era à noitinha. Estávamos no refeitório, e um coro de vozes se levanta. Olhei a porta da entrada e gritei com o coro. Era o Cândido e o Abel, mai-las suas mulheres e seus filhos. O filho do Cândido, conheceu logo não sei quantos braços. Onde demorou mais tempo, foi nos braços do Sr. Padre Carlos. Que belo a Família! Quantos nunca saborearam este doce nome, só porque nasceram na rua, e logo se foram abrigar nas cadeias e sanatórios.

*

Nesta época de inverno, a hora das 6 às 7, é a hora de

doutrina e divertimentos. Ocupar os nossos rapazes, de maneira que a ociosidade não apareça, é o que preocupa muito os nossos Padres.

Ontem era dia de doutrina, e hoje de jogos. Por faltarem ontem alguns, foi dito que o castigo era terem hoje doutrina. Preparava-me para começar, quando se levanta a voz do Chico dos teares, a dizer que castigue só os faltosos. Eu caí em mim, e aceitei a proposta, porque ela foi dita por um dos «réus». Não deixou que os outros fossem castigados por penas que não cometeram. Compeendeis a lição que o Chico nos deu?

«O rapaz, mais do que ninguém, tem sede de justiça».

*

Piões. Não sei como eles apareceram, nem de onde eles vieram. Assim como nos outros desportos, acontece o mesmo com os piões. Esta é a época deles. Não julguem que são os mais pequenos nem os médios a jogarem o pião. Ontem o Mira, um dos que foi dar o nome para a tropa, foi pedir ao Quim que o deixasse ir ao turno fazer um. Piões, patins, futebol, motos, arcos, cabeças partidas, tudo ajuda a fazer homens e de tudo isto há cá em casa.

Ernesto Pinto

VISADO PELA CENSURA

